

CASTELO BRANCO CHAVES

---

**TRÊS NOTAS**

**SÔBRE**

**Henrique Frederico Amiel**

SEPARATA  
DA "SEARA NOVA"

L I S B O A  
1934



No 224 <sup>est</sup> ~~lectura~~ / de Roma placuere  
con unta consider  
sa

7.

partes Romanorum  
7 Nov 1924



TRÊS NOTAS  
SÔBRE  
HENRIQUE FREDERICO AMIEL



RS 7877

BB

7877

TRÊS NOTAS  
de  
FRANCISCO FREDECO-AMARAL

---

Composto e impresso na Tip. da «Seara Nova»  
Calçada do Tejolo, 37-A — Lisboa

CASTELO BRANCO CHAVES

---

TRÊS NOTAS

SÔBRE

Henrique Frederico Amiel

SEPARATA  
DA "SEARA NOVA"



L I S B O A

1934





*À*  
*Memória*  
*de*  
*Fanny Mercier*  
*“a estóica”*

*O. D. C.*



*A grandeza de um espirito não se avalia  
pela sua vastidão; a sua medida está na  
certeza e na verdade das opiniões.*

EPICETETO.



As notas que seguem não são mais que uma marginalia tôska e quási ingénua a algumas páginas de Amiel -- impressões, se quizerem, da sua leitura feita quási quotidianamente e sempre sob uma emoção enorme. Por ventura se ressentem dessa simpatia intellectual e moral mas, determinou-o Renan, « on ne doit jamais écrire que de ce qu'on aime ».

Há nesta disposição, talvez, um vício inicial que prejudica a completa e inteira objectividade exigida em trabalho como êste, mesmo que, como êle, seja tão simples e desambicioso; — e seria razão para que não me atrevesse a fazê-lo se êste autor sòmente falasse à minha sensibilidade e amá-lo fôsse mais pendor do sentimento que espiritual interêsse. Mas não; é especialmente no meu espirito que Amiel avulta, e êste pensador, que foi « um dos mais poderosos cérebros especulativos que no período de 1845 a 1880 reflecti-

ram sôbre as coisas » (1) cresce a todos os momentos no nosso conceito e na nossa estima intelectual. Afigura-se-me que num futuro talvez não muito longínquo êste pensador avultará da nossa civilização com o mesmo recorte e relêvo com que do mundo antigo se destaca Epicteto. Estóico também êle o foi e, quanto a mim, um das mais profundos reveladores da natureza humana. Representa, além disto, com a originalidade que só a sinceridade pode dar, um dos eternos aspectos da inquietitude humana na sua luta com as contingências e imperfeições que cercam o Homem e lhe retardam a marcha nos caminhos ascencionais e luminosos da Liberdade, da Justiça e do Amor.

## I

Raramente nos será dado encontrar como em Amiel alguém que mais intensa, completa e absolutamente tenha vivido do seu pensamento e para as suas ideas. Dotado de faculdades eminentes e de aptidões singularmente raras para a especula-

(1) Renan, *Feuilles Détachées*, 19.<sup>me</sup> ed., pág. 400.

ção intelectual, tendo adquirido uma tão vasta quanto profunda cultura humanista, achando-se senhor de sensibilidade moral notavelmente apta à virtude, este homem tão extraordinariamente rico em inteligência, sensibilidade e cultura apenas deixou como trabalho importante um vasto *Jornal Íntimo*, de que só conhecemos os extractos que Fanny Mercier, Sherer e Bernard Bouvier nos teem dado a conhecer. « Parfait honnête homme, escreveu Renan àcerca d'ele, il manqua, dans la direction de sa vie, d'un dessein ferme » (1). Esta a principal falta de que o acusam e onde quasi todos vêem o sinal de uma vontade débil e a manifestação de um carácter fraco. Mas orientar a sua vida por um plano preconcebido, tomar firmemente um designio, creio não ser possível àqueles que, como Amiel, procedem por análise. Tôda a acção assenta num *apriorismo* que às naturezas espirituais como a de Amiel repugna ou amedronta. Goethe afirmou que o homem de acção é desprovido de consciência e que é o contemplativo o homem verdadeiramente consciencioso, observação que, com diferente experiência,

(1) *Ob. cit.*, pág. 356.

Amiel assim deixou consignada no seu jornal: « Quand il faut agir je ne vois partout que pièges et embûches, causes d'erreur et de repentir, menaces cachées et chagrins masquées, et naturellement je n'ose bouger » (1).

A acção appareceu-lhe sempre não só com estes defeitos intrínsecos mas também despida de efficacia — « l'action... fait presque toujours le contraire de ce qu'elle veut... » — e por isso Amiel é dos raros que se collocam naquella altura atingida por Antero de Quental e que Oliveira Martins assinou quando disse que êle « via de mais para poder ser activo ». Activo — entenda-se — daquella actividade temporal para cujo exercício é necessário ou a ingenuidade ou a ambição e que se efectiva sobre tôdas as coisas cujo domínio é contingente. Foi a essa espécie de actividade que Amiel se referiu e é essa que demanda ideas pouco vastas e análise pouco profunda, não sendo, portanto, domínio do pensador puro.

Exigir que Amiel tivesse escrito obra de proselitismo, se tivesse imiscuido *activamente* na poli-

(1) H. F. Amiel, *Fragments d'un Journal Intime*, ed. Bouvier, 1.º vol., pág. 89.



tica ou na questão social, com intuitos imediatos de realização, afigura-se-nos um grande absurdo. As naturezas espirituais como a sua só são *suscitadoras de acção*, e são-no como inspiradoras, que não como agentes, pois que todo o pensamento é gerador de acção. Um Descartes, um Kant, um Nietzsche são os criadores de grandes movimentos, de intensas actividades que modificaram a fisionomia a sociedades vastas e complexas — movimentos e actividades impulsionados e mantidos por homens de acção, é certo, mas que sem aqueles puros pensadores nunca a poderiam exercer. É que o pensador não é um *homem de acção* mas é um *homem actuante*, e justamente porque está no a-contingente de toda a acção não se acondiciona às suas formas relativas e contingentes. O seu dinamismo será todo interior, espiritual, e será nesse domínio que a sua vida se realizará plena e integralmente. Daí, no caso de Amiel, a desproporção que há entre o seu *Jornal Íntimo* e as suas tentativas literárias e estudos críticos. Compreender foi o seu fim supremo: « je suis objectif et non subjectif, je suis plus contemplateur qu'ambitieux ; comprendre c'est pour moi le but, et produire n'est qu'une voie pour mieux comprendre.

Je suis plus conscience que volonté. Mon vrai nom, c'est penseur » (1). Mais consciência que vontade, todos os seus esforços tendem para o conhecimento da natureza humana, porque será o estudo do Homem que lhe dará a ciência e consciência do universo: « Tout est dans tout, et si l'œil peut jamais pénétrer à fond un seul object, l'univers devient pour lui transparent. Un homme représente l'homme, l'homme contient l'animal, l'animal le végétal, le végétal le minéral, le minéral l'algèbre et la géométrie. Comprendre à fond un homme ce serait voir à jour l'univers » (2). Para que o universo se lhe revele, Amiel vai estudar o Homem e vai estudá-lo naquelas dos homens que mais inteira e completamente se lhe oferece à observação: éle próprio. O resultado desse estudo aturado e porfiadamente tenaz constitue a sua principal obra, o *Jornal Íntimo*, e por isso o *Jornal* de Amiel se me afigura singular entre todos os outros diários íntimos e me leva a considerá-lo mais que um documento de biografia particular, um importantíssimo *specimen* da psicologia humana.

(1) H. F. Amiel, *Essais Critiques*, pág. 27.

(2) *Journal*, 1.º vol. pág. 16.

Renan disse, ainda a-propósito de Amiel, que aquele que emprega o seu tempo a escrever um diário íntimo parece não conhecer suficientemente a vastidão do mundo e que o domínio do conhecimento é vastíssimo. Seria justo o reparo se êle não envolvesse Amiel, porque êste com o seu *Jornal Íntimo* procurou o caminho que se lhe afigurou mais curto e mais seguro nos vastos domínios do conhecimento. Amiel, estudando em si próprio a natureza do Homem, que é sem dúvida o alfa e o ómega de todo o conhecimento ao nosso alcance, pretendia atingir o mesmo estado de conhecimento e de consciência que Renan nos seus trabalhos históricos e científicos. Diversos só os métodos de estudo, diferente só a matéria sôbre que cada um especulou, e não se nos afigura exagêro o dizer que a escolhida por Amiel não era menos vasta nem menos rica. O *Jornal Íntimo*, mesmo truncado como êle hoje se nos oferece, é um dos mais profundos, sinceros e verdadeiros documentos sôbre a natureza humana com que nos achamos dotados. É certo que êsse jornal é um documento *subjectivo* (nem poderia deixar de o ser) mas reparemos que o é sem ser *pessoal*, obedecendo àquele superior ideal que Amiel assim

definiu: « L'homme fort, l'homme de génie, est celui qui donne à ses expériences privées une valeur représentative universelle, c'est-à-dire qui sait voir dans les choses tout ce qu'elles contiennent et en dégage la signification typique » (1).

Paulo Bourget vê na elaboração de um diário íntimo caso mórbido de psicologia individual e em Amiel, como noutros atingidos pelo morbo, uma « intoxicação deletéria » tornando o escritor incapaz de uma visão objectiva dos homens e das coisas (2). Percorra-se o *Jornal Íntimo* e não se encontra verificada a asserção do crítico francês, feita num daqueles seus tão freqüentes quanto lamentáveis momentos de generalização. É que há diversas maneiras de falar de nós; — aquela em que só referimos as condições pessoais, as circunstâncias da nossa vida particular, social e íntima, referidas sob o ponto de vista pessoal, e aquela outra em que essas mesmas circunstâncias, vistas objectivamente, são apenas os pretextos para, através do particular, atingirmos o geral, do episódico o

(1) *Ob. cit.*, 1.º vol., pág. 83.

(2) Vid. *Nowelles Pages de Critique et de Doctrine*, tomo 2.º, pág. 23.

permanente, do eventual o persistente. Disse Unamuno algures que uma alma como a de Santa Tereza de Jesus vale a *Crítica da Razão Pura*; e isto é certo quando essa alma deixou o *libro de su vida* e nêle testemunhado em quanto uma alma e um espírito são medida do universo. Amiel foi o que nos quis dar, e no *Jornal*, revelando-nos a sua alma, não pousou em *romântico*, pois que o escreveu como filósofo.

O caso de Amiel é o caso de Montaigne, pois que em ambos há a busca do universal e do humano por meio do particular e do individual. Montaigne, dizendo: «Je ne vise qu'à me découvrir moi-même» e «Je me communique au monde par mon être universel» estava naquele plano que Amiel atingiu ao confessar: «o que mais me interessa, ao examinar-me, apesar das minhas misérias, é que julgo ser um exemplar autêntico da natureza humana, e, portanto, um *specimen* de valor geral».

## II

Lendo comentadores, criticos e biógrafos de Amiel surpreende-me ver despresado ou pouco

atendido o estudo do conceito e exercício da Liberdade neste metafísico que foi « um dos mais poderosos cérebros especulativos que no período de 1845 a 1880 reflectiram sôbre as coisas ».

Afigura-se-me que é no seu conceito de Liberdade que se acham esclarecidos certos problemas da sua psicologia em relação à paixão do amor e que é pelo conhecimento do mesmo conceito que atingimos a verdadeira filosofia moral de Amiel.

A liberdade foi para o filósofo de Genebra a essência do problema humano, ou, como escreve Bouvier, « problème essentiel da sa vie individuelle, élan incessamment renaissant de son cœur inquiet, idéal toujours entrevu et jamais possédé de sa philosophie morale » (1).

« La personne, diz Amiel, pour être vraiment libre, doit être non seulement libre d'autrui, libre dans l'Etat, dans l'Eglise, dans la société, mais libre en elle-même, libre de préjugés, d'erreurs et de vices; car à quoi bon briser tous les jougs extérieurs, si l'on reste esclave au dedans? » Isto é: para Amiel a principal liberdade, a suprema, aquela sem a qual tôdas as outras liberdades são

(1) *Essais Critiques*, pág. 266.

fictícias, é a *liberdade interior*. Em tal conceito se identifica Amiel com os estóicos, que nela fizeram consistir tôda a essência da sua filosofia. A virtude é a liberdade, ou, antes, não pode haver liberdade sem que exista a virtude. « Quem é que deseja, disse Epicteto, viver no crime, na injustiça, no ludíbrio, nos temores, na angustia, sempre invejoso, em queixas, tímido, receoso? Ninguém. Portanto, todo aquele que é mau faz o que não lhe conviria fazer e por consequência não existe um mau que seja livre. »

Para Amiel era ainda a liberdade, sábiamente compreendida, a obediência voluntária às leis gerais da vida (1), o que não ultrapassa nem fica àquem do preceito estóico de aceitar as coisas e os acontecimentos tais como êles são e não como nós desejaríamos que êles fôssem. Mas reparamos que *coisas* e *acontecimentos* pertencem a um outro mundo que não ao da Liberdade. A liberdade, para o autor do *Journal Intime*, « n'est pas un détail, c'est un monde » (2). Um mundo — mas um mundo interior, isto é: que reside nas almas,

(1) *Journal*, 1.º vol., pág. 259.

(2) *Essais Critiques*, ed. Bouvier, pág. 267.

no « pensamento como idea », na vontade como potência moral. Assim, se tudo nos indica que o homem está sujeito às leis naturais, físicas, químicas, fisiológicas que se cumprem e executam inexoravelmente *porque são*, nada indica que o homem esteja sujeito a regras morais imutáveis (note-se que as regras morais são o contingente e transitório da moral) que *não são* mas *vão sendo*, que não ensinam *o que é*, mas o que num dado momento e numa dada sociedade é considerado *como devendo ser*, e que, uma vez atingido um grau de melhoria, logo o ideal moral impõe o grau imediato. A liberdade é, pois, interior, moral, humana, numa palavra — estóica (1).

É ainda com um alto sentido da humanidade que Amiel entende as relações sociais, e, por-

(1) Notre dépendance l'emporte sur notre indépendance, car nous ne sommes indépendants que dans notre désir tandis que nous dépendons de notre santé, de la nature, de la société, bref de tout en nous et hors de nous. Le cercle de notre liberté n'est qu'un point. Ce point est celui où nous protestons contre toutes ces puissances oppressives et fatales, où nous disons: Écrasez-moi, vous n'obtiendrez pas mon consentement! — *Journal Intime*, 1.º vol. pág. 214.



que nada indica nem a razão sanciona que um homem dependa doutro homem, o pensador de Genebra é francamente pela democracia.

Por que forma da democracia? Eis o seu depoimento :

« ... il est plusieurs manières d'entendre la démocratie, dont une seule est bonne pour la liberté. Il y a d'abord la démocratie égalitaire, c'est-à-dire envieuse, niveleuse, despotique, dont le socialisme est l'une des formes, qui désire ouvertement s'emparer de l'État pour écraser toutes les supériorités et supprimer toutes les indépendances. Il y a ensuite la démocratie individualiste, c'est-à-dire indifférente et sèche, qui, ne s'occupant ni des faibles, ni des petits, ni des déshérités, ne semble qu'une assurance mutuelle des égoïsmes satisfaits, et ne proclame en définitive que le droit des plus forts. Il y a enfin la démocratie libérale à la fois et fraternelle, qui pousse à l'énergique développement des individus, mais qui tâche d'arracher aux caprices du sort une sorte de parité des chances pour les champions qui entrent dans le rude combat de la vie.

« Cette dernière forme seule tient compte de tout, c'est-à-dire des droits en même temps que

des devoirs individuels, et des principes sociaux opposés mais complémentaires » (1).

É Amiel esperava a vitória da democracia-liberal.

De resto, tudo tendia, reconhecia-o, para a mais perfeita inteligência e prática da liberdade.

Na base de toda a sua filosofia moral está a liberdade interior, e é em relação a essa liberdade interior que, quanto a nós, e restringindo-nos a um caso particular da sua biografia, haverá que estudar a atitude tomada perante a paixão do amor. Ela explicará, julgo eu, o que os diagnósticos retrospectivos não conseguiram elucidar inteiramente (2) nem psicólogos explicar de maneira a convencer-nos. É que, em Amiel, abstrair do centro da sua vida moral, que foi essa liberdade interior, é mutilar-lhe a personalidade moral.

(1) *Essais Critiques*, ed. Bouvier, pág. 265-266.

(2) Alguns, aliás, muito bem feitos e verdadeiramente notáveis. O de Gregório Maraño é, em todo o ponto, admirável.

## III

O escritor cubano Luz León publicou há anos um estudo sôbre Amiel que intitulou *Amiel o la incapacidad de amar*, titulo êste que tem a vantagem de conter o enunciado da sua tese. O trabalho de Luz León, com o ser interessante, não me parece, porém, suficiente profundo, porque nem fisiológica nem moralmente Amiel era incapaz de amar. Fisiològicamente Amiel, era normal, e Marañon vê nêle um definido tipo de virilismo; moralmente era dos poucos capazes da mais forte paixão amorosa. Tímido, por certo (êle mesmo o confessa) e, como intelectual puro, homem absorvido de continuo em cogitação, embrenhado em vastas especulações intellectuais, não foi um sensual nem um erótico. Mas tudo isto não resolve, só por si, o seu caso amoroso porque êste, e êle deixou-o bem explicitamente revelado, não era apenas uma questão fisiológica mas era principalmente uma questão moral. Primeiramente há nêle uma supervalorização do amor, considerando-o como um estado de graça e clarividência íntimas. É « grande », « santo », « grave e sério » e só tarde reconhecerá a sua transitoriedade. Há

depois, e cada vez mais predominante, conforme avança na vida, a noção clara, precisa, do seu antagonismo irreduzível com a *liberdade interior*.

Supervalorizando o amor, Amiel considerava-o como central numa vida, participando das virtudes «daquilo que é eterno», desenvolvendo-se, aumentando sempre (1). «Je ne veux pas, confessa Amiel, de ces passions de paille qui éblouissent, consomment ou dessèchent; j'appelle, j'attends et j'espère encore le grand, le saint, le grave et sérieux amour qui vit pour toutes les fibres et par toutes les puissances de l'âme» (2). Ora, quanto mais se valoriza o amor tanto mais difícil se torna encontrar objecto digno d'ê-lo, e muito mais para espíritos de análise como o de Amiel, que estão aptos e exercitados a descobrir os lógos da ilusão. Esta supervalorização do amor e, por outro lado, «o claro entendimento das realidades humanas» é que o impossibilitaram de amar. «Toute femme, diz ê-lo, qui ne le comprend pas (o grande, o nobre amor) n'est pas digne de moi. Et si je dois rester seul, j'aime mieux emporter mon espérance et mon

(1) *Journal*, tomo 1.º, pág. 15.

(2) *Idem*, pág. 52.

rêve que de mésallier mon âme » (1); ou então: « L'idéal m'empoisonne toute possession imparfaite » (2). Porque tôda a posse era para êle imperfeita desde que não fôsse um casamento de espíritos, uma fusão de almas. Amiel em pouco valoriza o amor físico, o que é quasi sempre causa das maiores decepções para o amoroso, porque, se não há posse completa pelo físico — no moral e no espiritual tôda a posse é impossível. Marcelo Proust tem êste comentário que parece ter sido traçado por Amiel: « *L'amour platonique est peu de chose. Nous verrons qu'elle put considérer un peu plus tard que l'amour sensuel était moins encore* ». Era assim que o professor de Genebra visionava o amor, e por isso a sua tardia experiência do amor físico não lhe suscitará mais que êstes comentários: « De loin c'est quelque chose et de près ce n'est rien » e « ... je suis stupéfait de l'insignifiance relative de ce plaisir dont on fait tant de bruit ».

Por isso Amiel vê no casamento, *encarado sob o ponto de vista religioso, cristão*, a mais perfeita

(1) *Idem*, pág. 52.

(2) *Idem*, pág. 23.

maneira de se unirem homem e mulher e, para êle, de realizar a sua vocação de homem. Mas logo que os casamentos se lhe deparam, que as noivas o solicitam, êle foge do casamento como de inimigo. Porquê? Porque o casamento que lhe fizesse esquecer vocação e deveres, que o impedisse de se concentrar em si, que o não aperfeiçoasse, que se lhe afigurasse um grilhão, uma escravatura, não valia nada (1); e todos lhe apareceram assim. O casamento era o voto perpétuo, a alienação da liberdade, e, para êle, os votos perpétuos « sont une trahison envers la faiblesse humaine, qui peut bien se lier elle-même présomptueusement, mais que l'on ne doit pas lier par ses propres paroles, car elle a droit au repentir, et sa liberté ne peut être aliénée en une seule fois pour toujours » (2). Direito ao arrependimento é preservar tôda a liberdade interior e foi com receio de perder êsse direito que Amiel nunca escolheu uma mulher.

E porque, através de tudo, cultivou e manteve a sua liberdade interior, foi-lhe possível atingir a

(1) *Idem*, pág. 15.

(2) *Idem*, 2.º vol., pág. 227.

independência do estóico e como estóico morrer. Por isso, as últimas páginas do seu jornal são daquelas que o homem contemporâneo deve meditar, pois que guardam pensamentos e palavras da mais alta espiritualidade — dessa espiritualidade que cada vez se torna mais necessária nos homens, para que a nossa civilização não sossobre.







